

A

Doutas Professoras: Dra. **Adriana Vianna** e Dra. **Maria Elvira Díaz Benítez**, Disciplina: MNA 702 Teoria Antropológica II
E-mail adrianaVianna@mn.ufrj.br; María Elvira Díaz blueananse@yahoo.com

reinaldopotiguara@gmail.com

REINALDO DE JESUS CUNHA

DRE: 122023596

RESENHA

CULTURA: OUTRAS POSSIBILIDADES

Kuper, Adam; Barth, Fredrik; Wagner, Roy; Barth, Fredrik; e Overing, Joanna.

O GURU, INICIADOR E OUTRAS VARIAÇÕES ANTROPOLÓGICAS – BARTH FREDERIK

Barth, Fredrik, nasceu na Alemanha, de uma família acadêmica, pai professor de geologia e de bioquímica. A família mudou-se para os (UEA) Estados Unidos da América ainda muito pequeno. Seu pai foi professor da Universidade de Chicago. Barth, interessou-se pelo ‘estudo de antropologia em razão do Estudo da Evolução Humana’. Mas porque um cientista político, antropólogo se interessaria pela obra de Fredrik Barth? “Fredrik Barth via de regra é considerada um ponto de ruptura fundamental nos estudos da etnicidade. Sua introdução à coletânea *Ethnic groups and boundaries*, organizada e publicada por ele em 1969, revolucionou as pesquisas antropológicas sobre etnicidade”. Graças a Barth: “a antropologia se afastou pouco a pouco do interesse exclusivo pelo estudo do conteúdo das culturas. A escrita do norueguês - **Barth, Fredrik (2000, 1989)**, em sua antologia: **O guru, iniciador e outras variações antropológicas**, com tradução de John Cunha Comerford. Tornou-se matéria obrigatória de alguns cursos de antropologia no Brasil. Tal importância, se deve a aplicação ao estudo das

sociedades complexas e na elaboração de uma metodologia comparativa; adequada para explicar a diversidade cultural nesse tipo de sociedade. Para Barth as sociedades politênicas, na qual explica a existência de variáveis de uma mesma cultura, ela se dar a partir das diferentes condições ecológicas em que os subgrupos da sociedade vivem. Segundo Comerford, em sua análise: “Barth desconfia do discurso idealizador da sociedade pesquisada e se apoia exclusivamente nas práticas sociais para descobrir o verdadeiro significado das categorias étnicas; As interações entre pessoas e diferentes comunidades se tornam a chave de compreensão dos valores inerentes dessa sociedade”. Pois, “ao estudar a realidade da pesquisa: transformou as incongruências da realidade pesquisada na fonte de informação mais rica: a teoria tem de se adaptar à realidade, e não o inverso. Isto é: as categorias étnicas são a base dos conceitos sociológicos.” Na antropologia: folclorismo e ciências sociais e comportamentais, êmica e ética, referem-se a dois tipos de pesquisa de campo realizadas, e pontos de vista obtidos: êmica, de dentro do grupo social (da perspectiva do sujeito) e ética, de fora (da perspectiva do observador). Barth, entende que o antropólogo deve estar atento aos fundamentos da pesquisa:

“Quando e de que maneira transformar a terminologia dos nativos em terminologia técnica, quer dizer. Em conceitos sociológicos? Não se deve passar cedo demais para essa transformação porque esses termos dependem do contexto local em que estão inseridos e podem ter significados variados numa mesma sociedade”.

Diante deste contesto Barth, introduz algo novo na metodologia comparativa da realidade local: “A comparação deve ser feita inicialmente dentro da mesma sociedade entre grupos ou vilarejos geograficamente afastados”. Deste modo, sublinha: “É necessário analisar as atitudes e o comportamento das pessoas em seu cotidiano num raio de ação maior que o grupo ou a comunidade inicialmente estudada; é necessário aceitar a diversidade cultural, não se devendo retirar da realidade suas imperfeições ou seus enigmas”. E para conceituar o método antropológico, diz:

“Para desenvolver esta análise, escolhi inverter a lógica normalmente utilizada pelos antropólogos e, de saída, incluir a experiência de vida, assim como as preocupações e orientações que a produzem; em seguida, derivei as construções que elas próprias teriam para as práticas e as interpretações das pessoas. Porém se esta construção é válida, devemos ser capazes de mostrar como as próprias pessoas contextualizam e institucionalizam tais preocupações, como sendo as suas, independentemente das quão pragmáticas e contextuais sejam suas fontes. Para identificar as representações culturais utilizadas por determinadas pessoas,

devemos nos voltar para o conhecimento e para o discurso que essas pessoas empregam para interpretar e objetivar suas vidas (Barth 1993: 346-7)”.

Uma segunda característica do pensamento de Barth, segundo John Comerford, são relativos aos traços culturais. Pois segundo Barth, têm um passado e precisam ser compreendidos no processo de pesquisa:

[...] Um levantamento da competência interpretativa pode evidenciar a distribuição de uma cultura no espaço e indicar as fronteiras de um grupo étnico ou de uma sociedade complexa; Um determinado evento pode ser vivido e interpretado a partir de diferentes modelos, de acordo com o contexto cultural do participante. [...] É imprescindível a presença dos antropólogos nos processos decisórios na política e lamenta que em particular nos Estados Unidos.

Barth, preocupou-se da pouca visibilidade da elite pensante. Segundo ele: A "classe" dos antropólogos tem tão pouca visibilidade na vida pública". Os antropólogos ao analisar uma determinada sociedade, têm de construir uma atitude mais política em seu trabalho. Pois a seu ver: “os cientistas políticos devem apropriar-se das idéias antropológicas para melhorar as análises políticas”. Com relação ao parecer antropológico em sede de Justiça: os estudos de uma determinada ‘comunidade indígena’, não podem ser produzidos com a rapidez, a celeridade desejada pelo sistema legal, é burocrática e depende de tempo.

[...] “Não se pode garantir a mesma qualidade científica dentro de um tempo otimizado, segundo regras impostas por uma lógica alheia à antropologia, no caso, as do direito”. [...] “Um Estado nação que vise atribuições de identidade”. [...] A discussão em torno do aspecto de "falsidade" ou "autenticidade" do índio, precisa ser empreendida no contexto dos anseios materiais dos participantes nessa discussão. Trata-se de verificar se a reivindicação pode ser comprovada por meio de uma pesquisa antropológica. [...] Precisamos, mesmo assim, participar ativamente na vida política por meio de uma aplicação responsável dos conhecimentos antropológicos para que se torne viável adquirir legitimidade no espaço social e quebrar o monopólio decisório de certos saberes da economia. [...] A necessidade da interação com o outro para reafirmar ou mesmo descobrir a própria identidade faz parte do exercício diário na antropologia. [...] Qualquer antropólogo que se insere em outra sociedade ou grupo social que não aquele de que faz parte, sabe que, por mais que tente se tornar um "nativo", aceitando os elementos visíveis e óbvios dessa outra cultura, defronta-se, em determinados momentos de sua pesquisa, com sua verdadeira identidade. Em outras palavras, a antropologia vive dessa comparação, dessa ida e volta entre sistemas de valores diferentes”.

Na Análise da Cultura nas Sociedades Complexas, ‘cultura e sociedade’. Barth argumenta que o Termo, pode parecer antiquado. Mas, “Celebram a

conexão entre instituições discrepantes, a adequação dos costumes a um dado lugar e estilo de vida e o compartilhamento de premissas, valores e experiências dentro de uma comunidade”.

[...] “A realidade de todas as pessoas é composta de construções culturais, sustentadas de modo eficaz tanto pelo mútuo consentimento quanto por causas materiais inevitáveis. Esse consentimento, ao que tudo indica, está incrustado em representações coletivas: a linguagem, as categorias, os símbolos, os rituais e as instituições. O que os antropólogos chamam de cultura de fato torna-se fundamental para entender a humanidade e os mundos habitados pelos seres humanos”. [...] “Poderia dizer que cada pessoa está "posicionada" em virtude de um padrão singular formado pela reunião, nessa pessoa, de partes de diversas correntes culturais, bem como em função de suas experiências particulares”. [...] “É o vocabulários que nos permitam integrar nossas discussões sobre símbolos e significados com as discussões sobre trabalho e mercados, dinâmica política, demografia e ecologia”.

Com relação ao estudo da sociologia e antropologia para Barth. O mesmo entende a partir de uma perspectiva histórica, que possa abordar uma gama de conhecimentos inerentes:

[...] “O quadro teórico que defendo parte das noções de uma sociologia do conhecimento que ajudam a esclarecer o modo pelo qual as idéias são moldadas pelo meio social, em que se desenvolvem. Precisamos, todavia, transformar isso em uma "antropologia do conhecimento" que seja capaz de lidar com materiais culturais heteróclitos e com uma ampla gama de organizações sociais, para poder retratar as condições da criatividade dos que cultivam o conhecimento, bem como as formas que daí decorre”. [...] “Em outras palavras, trata-se de reprodução cultural ativa e intencional por meio de um trabalho sistemático e permanente como educador”.

Em paralelo as formas decorrente em pesquisa em antropologia e sociologia, Barth, entende que a tarefa de ensinar em Nova Guiné, a uma intelectualidade, novos padrões de ensino; o modo da realizações de tarefas, ensinar e instruir o público e de formar um grupo de discípulos, sucessores em potencial, e ai não se aplica? Pois ao seu ver tem uma dualidade de perspectivas:

[...] Esse discurso está absolutamente ausente na Nova Guiné tradicional, onde as pessoas que possuem conhecimentos excepcionais não os ensinam, ainda que os empreguem para coordenar rituais públicos e iniciar noviços. Em seu manejo do conhecimento, oscilam entre longos períodos de recolhimento e breves frenesis de revelações encenadas, nas quais tornam os mistérios imanentes, mesmo que não necessariamente inteligíveis, para uma congregação ou para um punhado de noviços espantados”. [...] “O guru alcança sua realização como tal ao reproduzir o conhecimento, enquanto o iniciador, ao protegê-lo. As injunções de seus

respectivos papéis implicam demandas completamente distintas quanto à forma de lidar com o conhecimento. O guru deve oferecê-lo continuamente: deve explicar, instruir, saber e exemplificar; com isso, contribui para incutir nas mentes de seus pupilos e de seu público elementos de uma tradição bastante prolífica”.

Graças a Barth, a antropologia se afastou pouco a pouco do interesse exclusivo pelo estudo do conteúdo das culturas. Para adentrar ao estudo da etnicidade; não resulta da cultura, mais sim contrário?

[...] “Durante muito tempo, acreditou-se que raça e etnicidade desapareceriam no contexto da modernização e da democratização das sociedades pós-coloniais”, o que não ocorreu no presente”. [...] “Ao contrário: à cultura é resultado da etnicidade, ou seja, é delimitada por fronteiras étnicas. Por isso, a pesquisa deve concentrar-se, em primeiro lugar, na análise do estabelecimento da persistência ou da mudança das fronteiras étnicas’. [...] “Por sua vez, a objetivação de tais grupos, definidos pelo pesquisador, tende a focar a pesquisa exclusivamente neles, em detrimento de outros atores coletivos, por vezes mais importantes, ou de outras categorias constituídas por outros elementos que não os étnicos. Portanto: esses dois erros em que a ciência política se baseia, combinados com sua escolha metodológica; o estudo quantitativo dos comportamentos políticos; impediram um questionamento mais significativo das noções de raça e etnicidade”.

Com relação às concepções errada de sociedade; o uso infeliz do conceito de sociedade; a noção de que sociedade pode se resumir a um agregado de relações sociais. Barth, ao questionar-se quanto a esse conceito? Entende que não há separação entre sociedade e meio ambiente:

[...] “Em nossa sociedade as minhas relações e as dos outros são mantidas em seus respectivos lugares por uma multiplicidade de atores e agências com os quais não tenho qualquer contato social, mas que moldam o meu comportamento desde os funcionários públicos até os órgãos encarregados da lei e da ordem e os diversos setores do governo”. [...] “A 'sociedade' não pode ser abstraída de seu contexto material: todos os atos sociais estão inseridos em um contexto ecológico. Assim, não faz sentido separar "sociedade" e "meio-ambiente" e depois mostrar como a primeira afeta segundo ou está a ele adaptada” [...] “Sabemos, contudo, que não apenas os interesses, mas também os valores e as próprias realidades são focos de contestação entre pessoas que mantêm uma interação social estável entre si. A ideia de uma perfeita compreensão e comunicação mútua, que costuma estar embutida em nossa definição de sociedade, não pode ser tornada como paradigmática da vida social”.

Sobre a Metodologia Comparativa de Dados Antropológicos aos livros didáticos, Barth analisando os ‘antropólogos em suas perspectivas, operações comparativas formais’, em concordância em relação ao que deveria ser o 'método comparativo' na antropologia, distingui?

“A comparação na antropologia tendem a focar as posições teóricas opostas ou a rejeitar os fundamentos das afirmativas dos colegas os quais se opõem. E raramente tentam esclarecer as questões essenciais que a análise comparativa em si mesma levanta. Consequentemente, tem havido pouco avanço na formulação de parâmetros metodológicos comuns para operações comparativas”.

ADAM KUPER: A VISÃO DOS ANTROPÓLOGOS

O antropólogo Kuper, Adam em seu estudo: “Cultura, diferença, identidade”, In Cultura, com tradução de Mirtes Prange de Oliveira Pinheiros (1999). Traz-nos uma reflexão a respeito da cultura, em particular: Em identidade e política cultural que se deu na década de 1950, quando era estudante universitário na África do Sul. No Brasil, no final do século 20, em sua passagem pelas ruas do Rio, participou de diversos seminários, palestras, conferências sobre culturas. Dentre os temas, relevantes, e de grande importância que sintetizavam o assunto do livro. Segundo Adam: “os debates nacionais sobre raça, sobre o caráter e o destino dos "povos indígenas", sobre as causas da pobreza”, em analogia ao Brasil e África do Sul. A seu ver: são temáticas e assuntos em rodas diárias de conversas, em discussão diárias. “Isso equivaleria falar de raça, oferecendo uma razão para crer que as relações econômicas, políticas e sociais eram determinadas pela natureza interior dos diferentes grupos na sociedade”. Para Adam, com relação aos antropólogos modernos norte-americanos, e teorias culturais etnográficas: Os antropólogos vêm sistematicamente aplicando as teorias culturais etnográficas uma grande variedade de estudos. Resumindo o objeto do seu livro, por conseguinte: “O estudo consiste em fazer uma avaliação do projeto central da antropologia cultural norte americana do pós-guerra”. Para Adam: “a cultura deixa de ser algo a ser descrito, interpretado ou talvez até mesmo explicado, para ser tratada como uma fonte de explicação propriamente dita”. Com relação ao idealismo e ao relativismo da teoria cultural moderna, diz não ter muita simpatia:

“Um materialista moderado e com convicções brandas sobre direitos humanos universais; sou refratário ao idealismo e ao relativismo da teoria cultural moderna e não tenho muita simpatia pelos movimentos sociais fundamentados em nacionalismo, identidade étnica ou religião, exatamente os movimentos que exibem tendência de invocar a cultura para motivar ação política”.

Com relação à academia a África do Sul, e a política coercitiva de segregação racial, o apartheid, analisa:

[...] “Eu estava cursando a faculdade na África do Sul no final década de 1950. Naquela época, um sistema africânder radical segurava firmemente as rédeas do país, e sua política coercitiva de segregação racial, o apartheid, estava sendo

implementada com um tipo de sadismo moralizante. O governo parecia ser praticamente invulnerável e impérvio a críticas. Os movimentos de oposição africana eram brutalmente reprimido”. [...] “Embora muitas vezes estivessem envoltas na linguagem da teologia, as doutrinas oficiais sobre raça e cultura invocavam autoridade científica; o apartheid estava fundamentado numa teoria antropológica. Não era por acaso que seu arquiteto intelectual, W. W. M”. Eisele não tinha sido professor de etnologia”. [...] “Os nacionalistas africânderes, suspeitavam da missão civilizadora” proclamada, com boa ou má fé, pelos poderes coloniais na África”.

Esse tipo de argumento, em geral para Adam, é motivado por um racismo torpe, e o pensamento racista, enraizando:

[...] Não havia provas de que a inteligência variava com raça, afirmou Eiselen numa palestra em 1929; tampouco que uma raça ou nação privilegiada deveria conduzir o mundo para todo o sempre na civilização. Não era a raça, mas sim a cultura que constituía a verdadeira base diferença, o sinal do destino. E as diferenças culturais deveriam ser avaliadas. A troca cultural até mesmo o progresso, não era necessariamente uma dádiva. Seu custo podia ser demasiadamente alto. Se a integridade das culturas tradicionais fosse minada, haveria uma desintegração social”. [...] Eiselen, achava que o governo deveria estimular uma “cultura banta mais elevada, e não produzir europeus negros”. Mais tarde, o slogan “desenvolvimento separado” passou a ser usado. A segregação era o curso adequado para a África do Sul. [...] “A escola de etnologia da apartheid citava os antropólogos culturais norte-americanos com aprovação, embora em grande parte em seus próprios termos. Mas seus líderes eram radicalmente contrários as teorias da escola britânica de antropologia social, sobretudo as teorias de A. R. Radcliffe-Brown, primeiro a ocupar a cadeira de antropologia social na África do Sul, em 1921”.

Para Adam, com relação ao seu ceticismo quanto à política racista da África do Sul? “Meu ceticismo sobre se a cultura era mais forte, em parte por ter ficado tão impressionado com o abuso da ‘teoria cultural’ na África do Sul. Mas não é de todo ruim abordar uma teoria profundamente arraigada com uma postura cética”. Além disso, comenta:

[...] “As teorias culturais geralmente te trazem em seu bojo uma carga política, justificando uma crítica política. Qualquer, que seja o preconceito que eu tenha trazido para esse projeto, fiz o melhor que pude para respeitar tanto os argumentos como as evidências”. [...] O papel da antropologia e oferecer uma “crítica cultural” do Ocidente, expor a natureza factícia e interesseira de suas ideologias dominantes da forma como elas se apresentam na arte, na literatura, no corpo de conhecimentos, na mídia e, obviamente, na etnografia”. [...] “No cerne de seus argumentos existem três proposições: A primeira proposição é que houve uma mudança histórica em todo o mundo nos termos de comércio cultural. A segunda é que não é mais possível se e que alguma vez foi construir relatos objetivos de

outros modos de vida. A terceira e que há uma obrigação moral de diferenças culturais e defender aqueles que estão resistindo a ocidentalização”.

Com relação ao movimento de esquerda, e quem tinha a legitimidade para falar em nome do povo, falar do outro, questiona-se? E as vítimas dessa realidade, que podiam falar?

[...] “Há uma dificuldade relacionada, que pode ser descrita como problema de legitimidade. Quem pode falar pelo Outro? A esquerda europeia tradicionalmente conferia autoridade especial aos líderes que se originavam da classe trabalhadora. Na tradição do nacionalismo romântico, apenas o nativo pode falar em nome do nativo. Se a briga é entre imperialistas e suas vítimas, e se apenas a identidade pode conferir autoridade para falar, então a palavra deve ser dada as pessoas que podem afirmar que tem a mesma origem das vítimas”. [...] “Essa oposição maniqueísta entre nativos e colonialistas, oprimidos e opressores, também pode impor uma uniformidade factícia sobre todos os povos pós-coloniais. O movimento pós-modernista tem exercido um efeito paralisante na disciplina da antropologia; Ele nega a possibilidade de uma antropologia comparativa entre culturas”.

Com relação aos acadêmicos culturais de não consideram a alta cultura como um bem comum, que deve ser conservado e transmitido para outras gerações? Adam, diz que não pode haver fetichização.

[...] Pelo contrário, a "cultura" de elite deve ser compreendida como uma forma de consumo manifesto, um sinal de status. Ela reforça o poder opressivo da classe dirigente, e sua fetichização o enfraquece o poder e silencia a maioria. Na América multicultural, diz-se que os cursos de Civilização Ocidental alienam os estudantes de outras origens. Mas o intelectual critica está ainda mais incomodada com o poder cultural, exercício pelos meios de expressão de massa. [...]” Os antropólogos são pressionados a aceitar as proposições centrais dos estudos culturais: de que a cultura serve ao poder e de que ela é (e deve ser) contestada. A objeção óbvia é de que, quando a cultura é restringida às artes, a mídia e ao sistema educacional, ela lida apenas com alguns aspectos do que os antropólogos entendem por cultura, e de uma perspectiva bastante peculiar. [...] “O propósito comum consiste em substituir a ideologia da confluência de raças pelo que representa na verdade uma ideologia anti-assimilação. Os multiculturalistas rejeitam a ideia de que os imigrantes devam assimilar a cultura americana predominante, e negam até mesmo, que exista uma cultura predominante”.

Concluindo, com relação a identidades múltiplas e multiculturalistas:

[...] “Todos nós temos identidades múltiplas, mesmo que eu admita ter uma identidade cultural primária, pode ser que eu não queira me ajustar a ela. Além disso, não seria muito prático. Eu opero no mercado vivo por meio do meu corpo, luto com outros. [...] “Se eu me considerar apenas um ser cultural, deixo muito pouca margem para manobra ou para questionar o mundo em que me encontro”.

Finalizando sua reflexão, argumenta: “Finalmente, existe uma objeção moral a teoria da cultura. Ela tende a desviar a atenção do que temos em comum em vez de nos estimular a nos comunicarmos através de fronteiras nacionais, étnicas e religiosas, e a nos aventurarmos além dela” concluiu.

WAGNER ROY - A INVENÇÃO DA CULTURA.

[...] “A ideia de que o homem inventa suas próprias realidades não é nova; pode ser encontrada em filosofias tão diversas quanto o Mu'tazila do islã e os ensinamentos do budismo, assim como em muitos outros sistemas de pensamento bem menos formalizados. Talvez sempre tenha sido familiar ao homem”. [...] “Se a invenção da cultura exhibe uma tendência a defender suas opiniões em vez de arbitrá-las, isso reflete, pelo menos em parte, a condição de uma disciplina na qual um autor é obrigado a destilar sua própria tradição e seu próprio consenso”. [...] “É esse, então, o ponto de vista analítico de um livro que elege observar fenômenos humanos a partir de um "exterior" - entendendo que uma perspectiva exterior é tão prontamente criada quanto as nossas mais confiáveis perspectivas "interiores” Wagner, Roy. 2009 (1981).

Wagner, Roy. 2009 (1981). A Invenção da Cultura, de Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. Em seu comentário no prefácio do Livro: A invenção a Cultura, Roy assim define:

“A antropologia é teorizada e ensinada como um esforço para racionalizar a contradição, o paradoxo e a dialética, e não para delinear e discernir suas implicações; tanto estudantes quanto profissionais aprendem a reprimir e ignorar essas implicações, a "não enxergá-las" e a imaginar as mais terríveis consequências como o suposto resultado de não fazê-lo. Eles reprimem a dialética para que possam sê-la. Escrevi este livro, delineando explicitamente as implicações da relatividade, num esforço resolutivo para combater essa tendência em todos nós”.

Para Roy, este livro não foi escrito para provar, mediante evidências, argumentação ou exemplos, qualquer conjunto de preceitos ou generalizações sobre o pensamento e a ação humanos: “A diversidade teórica da antropologia torna difícil generalizar criticamente sobre o campo, por mais oportunas que possam ser certas apreensões críticas das derivas da teorização”. A antropologia como disciplina, “tem sua história de desenvolvimento teórico, de ascendência e antagonismo com relação a certas

orientações; uma história que sem dúvida manifesta certa lógica ou ordem”.
A antropologia Segundo Roy:

[...] “A antropologia estuda o fenômeno do homem - a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou de um todo”. [...] Se a invenção da cultura exhibe uma tendência a defender suas opiniões em vez de arbitrá-las, isso reflete, pelo menos em parte, a condição de uma disciplina na qual um autor é obrigado a destilar sua própria tradição e seu próprio consenso”. [...] “Desse modo, seria um tanto ingênuo esperar que um estudo da constituição cultural dos fenômenos argumentasse a favor da "determinação" do processo, ou de partes significativas dele, por algum contexto fenomênico específico e privilegiado - especialmente quando o estudo argumenta que tais contextos assumem seus significados em grande medida uns a partir dos outros”.

Ainda sobre Cultura, Roy vai dizer a essa palavra cultura, quando se fala de cultura humana; falam como se houvesse apenas uma cultura, como fenômeno do homem africano:

[...] “Por outro lado, quando falam sobre "uma cultura" ou sobre "as culturas da África". A referência é as tradições geográficas, históricas específicas; casos especiais do fenômeno do homem. Assim, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre casos particulares do homem, quando visto sob uma determinada perspectiva”. [...] “Povos descentralizados, não estratificados, acomodam os lados coletivizante e diferenciante de sua dialética cultural mediante uma alternância episódica entre estados rituais e seculares; civilizações altamente desenvolvidas asseguram o equilíbrio entre essas necessárias metades da expressão simbólica por meio da interação dialética de classes sociais complementares”.

A Convenção dos símbolos, a distinção, o contexto, diferenciam e englobam coisas que simbolizam. Uma vez reflexivo, os símbolos simbolizam aquilo que nega distinção, ou para aboli-la ou aliviá-la.

[...] “A simbolização convencional estabelece um contraste entre os próprios símbolos e as coisas que eles simbolizam. Chamo essa distinção, que opera para distinguir os dois modos em seus respectivos pesos ideológicos, de "contraste contextual". Os símbolos diferenciadores assimilam ou englobam as coisas que simbolizam. Chamo esse efeito, que sempre opera para negar a distinção entre os modos, para aboli-la ou derivar um do outro, de "obviação". Uma vez que esses efeitos são reflexivos (isto é, aquilo que "é simbolizado" exerce seu efeito, por sua vez, sobre aquilo que simboliza), todos os efeitos simbólicos são mobilizados em qualquer ato de simbolização. Consequentemente, o segundo acréscimo ao modelo é o de que a consciência do simbolizador em qualquer momento dado se concentra forçosamente sobre um dos modos”.

A antropologia ao optar estudar o homem, “buscando entender por meio da noção de cultura tanto sua singularidade quanto sua diversidade, coloca uma questão peculiar para essa ciência. O antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras, e para estudar a cultura em geral”. Em outras palavras, Roy vai dizer que a ideia de cultura coloca o pesquisador em pé de igualdade com seus objetos de estudo: “cada qual "pertence a uma cultura"”.

[...] “A compreensão de uma outra cultura envolve a relação entre duas variedades do fenômeno humano; ela visa a criação de uma relação intelectual entre elas, uma compreensão que inclua ambas. A ideia de "relação" é importante aqui, pois é mais apropriada à conciliação de duas entidades ou pontos de vista equivalentes do que noções como "análise" ou "exame", com suas pretensões de objetividade absoluta”.

Com relação ao pesquisador antropólogo, seu objeto de estudo, e a compreensão da própria cultura a ser estudada, e o universo de seus próprios significados, Roy entende que o antropólogo só consegue descrever com autenticidade as descobertas e convenções:

[...] “Um antropólogo experiência, de um modo ou de outro, seu objeto de estudo; ele o faz através do universo de seus próprios significados, e então se vale dessa experiência carregada de significados para comunicar uma compreensão aos membros de sua própria cultura. Ele só consegue comunicar essa compreensão se o seu relato fizer sentido nos termos de sua cultura. Ainda assim, se suas teorias e descobertas representarem fantasias desenfreadas, como muitas das anedotas de Heródoto ou das histórias de viajantes da Idade Média, dificilmente poderíamos falar de um relacionamento adequado entre culturas. Uma "antropologia" que jamais ultrapasse os limiares de suas próprias convenções, que desdenhe investir sua imaginação num mundo de experiência, sempre haverá de permanecer mais uma ideologia que uma ciência”.

Com relação ao Trabalho de Campo, e o que se tem dito do trabalho de Campo; Roy enfatiza que no início, o antropólogo que chega pela primeira vez em campo tende a sentir-se solitário e desamparado.

[...] “Ele até agora experimentou a "cultura" como uma abstração acadêmica, uma coisa supostamente tão diversa e tão multifacetada, e, no entanto monolítica, que se torna difícil apoderar-se dela ou visualizá-la. Mas, enquanto ele não puder "ver" essa cultura em torno de si, ela lhe será de pouco conforto ou utilidade”. [...] “Os problemas imediatos que o pesquisador iniciante enfrenta em campo não tendem a ser acadêmicos ou intelectuais: são práticos e têm causas evidentes. Provavelmente desorientado e aturdido, ele muitas vezes encontra dificuldades para se instalar e fazer contatos. Se uma casa está sendo construída para ele, o trabalho sofre todo tipo de atraso; se contrata assistente ou intérpretes, eles não aparecem”. [...] “Nessas ocasiões jamais substituirão o companheirismo e a compreensão mais íntimos e profundos que são elementos tão importantes da vida

em qualquer cultura. Um relacionamento que se baseie na simplificação de si mesmo ao mínimo essencial não leva a lugar algum - a não ser que se esteja disposto a assumir permanentemente o papel de idiota da aldeia”.

À medida que o antropólogo usa a noção de cultura para controlar suas experiências em campo, essas suas experiências por sua vez, “passam a controlar sua noção de cultura”. Segundo Roy, o antropólogo inventa "uma cultura" para as pessoas, e elas inventam "a cultura" para ele! E essa invenção, “irá conservar uma relação significativa com nosso próprio modo de vida e pensamento”. De modo que:

“Quando encontra discrepâncias entre sua própria invenção e a "cultura" nativa tal como vem a conhecê-la, ele altera e retrabalha sua invenção até que suas analogias pareçam mais apropriadas ou "acuradas". Se esse processo é prolongado, como é o caso no decurso do trabalho de campo, o uso da ideia de "cultura" pelo antropólogo acabará por adquirir uma forma articulada e sofisticada. Gradualmente, o objeto de estudo, o elemento objetificado que serve como "controle" para sua invenção, é inventado por meio de analogias que incorporam articulações cada vez mais abrangentes, de modo que um conjunto de impressões é recriado como um conjunto de significados”.

A Cultura Como Criatividade, e o Trabalho de Campo. “O pesquisador produz uma espécie de conhecimento como resultado de suas experiências; um produto que pode ser mascateado no mercado acadêmico como "qualificação" ou inscrito em livros”. O antropólogo em campo de fato trabalha? Suas "horas de trabalho" são dedicadas a entrevistar pessoas, observar e tomar notas, participar de atividades locais? Roy diz que sim, porém:

[...] “Eu procurava estruturar meu dia de trabalho segundo um padrão fixo: café da manhã seguido de entrevistas com informantes; almoço, incluindo talvez algum trabalho de observação ou participação ou ainda mais entrevistas na sequência; e então uma refeição noturna. Todo tipo primeiros meses, pois a ideia de uma atividade regular, constante, ajudava a sustentar minha sensação de utilidade em face do choque cultural, das preocupações de "não estar chegando a lugar nenhum" e das frustrações em geral de circunstância - visitas, cerimônias, brigas ou excursões - interrompia essa rotina. Mesmo assim, eu me aferrava a ela, especialmente nos primeiros meses, pois a ideia de uma atividade regular, constante, ajudava a sustentar minha sensação de utilidade em face do choque cultural, das preocupações de "não estar chegando a lugar nenhum" e das frustrações em geral”. [...] “Rotinas desse tipo não são incomuns entre antropólogos em campo - elas fazem parte da definição geral do trabalho do antropólogo (por mais ilusória que possa ser): a de que atuamos sobre os nativos de maneira a produzir etnografias. (Independentemente das sutilezas do envolvimento do pesquisador com a cultura nativa, é ele que dá início a esse envolvimento e os resultados são vistos como sua "produção"). Assim, a

totalidade do interesse do etnógrafo na "cultura" e o modo como ele implementa esse interesse em campo é que definem seu trabalho como pesquisador de campo”.

Sobre Definição de Cultura, Roy descreve que o uso antropológico de "cultura" constitui uma metaforização ulterior, se não uma democratização, dessa acepção essencialmente elitista e aristocrática.

“Nossa palavra cultura” [culture] deriva de uma maneira muito tortuosa do particípio passado do verbo latino *cafer*, "cultivar", e extrai alguns de seus significados dessa associação com o cultivo do solo. Esta também parece ter sido a principal acepção das formas do francês e do inglês medievais das quais deriva nosso uso presente (por exemplo, em inglês médio [séculos XII-XV] cultura significava "um campo arado"). “Em tempos posteriores” cultura” adquiriu um sentido mais específico, indicando um processo de procriação e refinamento progressivo na domesticação de um determinado cultivo, ou mesmo o resultado ou incremento de tal processo. Assim é que falamos de agricultura, apicultura, da "cultura da vinha" ou de uma cultura bacteriana. O sentido contemporâneo do termo - um sentido "sala de ópera" - emerge de uma metáfora elaborada, que se alimenta da terminologia da procriação e aperfeiçoamento agrícola para criar uma imagem de controle, refinamento e "domesticação" do homem por ele mesmo. Desse modo, nas salas de estar dos séculos XVIII e XIX falava-se de uma pessoa "cultivada" como alguém que "tinha cultura", que desenvolvera seus interesses e feitos conforme padrões sancionados, treinando e "criando" sua personalidade da mesma maneira que uma estirpe natural pode ser "cultivada". [cultured].

Concluindo a respeito de Cultura, “A Invenção da Cultura”, nos tempos atuais (2010), em dois domínios de experiências. Roy vai dizer que:

“O reino do inato, ou "dado", daquilo que é inerente à natureza das coisas, e o reino dos assuntos sobre os quais os seres humanos podem exercer controle ou assumir responsabilidade. Estes não são necessariamente os mesmos de uma cultura para outra, nem são necessariamente verdadeiros tal como representados, mas são as maneiras como eles são representados - no indivíduo como personalidade e na ordem social enquanto classe ou unidade coletivizante - e as maneiras pelas quais são transcendidos ou subvertidos, que constituem o que chamei de "invenção da cultura". Assim, todos os fenômenos sociais ou culturais podem ser vistos como uma série de interações dialéticas entre esses dois domínios ou categorias”.

O que poderia ser usada para resumir todo o argumento deste livro?

"A causa do efeito é o efeito da causa" resume em uma frase o que de outro modo consiste em um longo e elaborado discurso sobre a relação entre convenção e invenção. Uma variante convenientemente alterada dessa sentença, como “a insanidade do controle humano sobre o inato é a insanidade inerente ao próprio controle”.

Referências Bibliográficas

Kuper, Adam. 1999. “Cultura, diferença, identidade”. In Cultura. A visão dos antropólogos. Bauru: Edusc.

Barth, Fredrik. 2000 (1989). O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa. Caps: A análise da cultura nas sociedades complexas. e Por um maior naturalismo na conceptualização das sociedades; pp 107-139; 166-186.

Wagner, Roy. 2009 (1981). A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify. [Capítulos a indicar]

Leituras complementares: Barth, Fredrik. 1993. Balinese worlds. Chicago: University of Chicago Press.

Overing, Joanna, 2000. “Culture, “Society””. In Rapport, Nigel & Overing, Joanna. Social Anthropology: The key concepts. Londres: Routledge. pp. 92-102 e 333-343